



Kaciano Gadelha > **Da sensação à materialização: máquinas de influência e as estéticas da diferença sexual**

### Resumo

Este artigo recupera um texto clássico de Viktor Tausk sobre sintomas esquizofrênicos relatados por pacientes que diziam estar sendo controlados por uma máquina. Tausk formula uma tese sobre a “máquina de influência” que será examinada neste artigo em relação com as histórias da sexualidade, da loucura e do sexo para questionar a dimensão material da sexualidade e o que ainda insiste como uma perspectiva discursiva da sexualidade. Ao discorrer sobre esses problemas chega-se ao novo materialismo e à perspectiva de uma performatividade pós-humanista desenvolvida por Karen Barad, a qual o argumento deste artigo se filia para pensar uma relação intra-ativa entre corpos e máquinas, humanos e não-humanos. Conclui-se que pesquisas sobre uma história das materialidades sexuais se fazem necessárias na medida em que elas ampliam o olhar sobre o corpo e a sexualidade para além do construtivismo discursivo.

**Palavras-chaves:** Máquina de influência. Sexualidade. Materialidades. Performatividade.

### Abstract

In this article I refer back to a classic text by Viktor Tausk about schizophrenic symptoms reported by patients who said to be controlled by a foreign machine. Tausk’s formulation on the “influence machine” will be examined in this paper according to the histories of sexuality, madness and sex in order to question the material dimension of sexuality as well as the persistence of a discursive perspective on sexuality. By discussing these problems, this article addresses the new materialism and the perspective of a post-humanist performativity developed by Karen Barad. Based on her formulation, this article argues for an intra-active relation between human and non-human beings, bodies and machines. As conclusion, this article stresses the need for more studies on the history of sexual materialities inasmuch as those studies can enrich the view on body and sexuality beyond the discursive constructivism.

**Keywords:** Influence machine. Sexuality. Materialities. Performativity.

Este artigo objetiva criar uma zona epistemológica de interferência entre os campos dos estudos da sexualidade com os estudos da ciência e das novas tecnologias que se relacionam com perspectivas feministas sobre novos materialismos/materialidades. Para dar partida a essa discussão, recupero um texto clássico na história da psicanálise, publicado em 1919 por Victor Tausk, em suas investigações sobre a esquizofrenia, intitulado “On the Origin of the ‘Influencing Machine’ in Schizophrenia” (Sobre a origem da ‘máquina de influência’ na esquizofrenia). Nesse artigo, o autor está intrigado com os relatos de vários pacientes sofrendo com esquizofrenia que se referem ao fato de estarem sendo controlados por uma máquina externa aos seus corpos. De acordo com Tausk (1992), essas máquinas afetavam os corpos de diferentes maneiras: elas geravam e modificavam pensamentos e sentidos, elas faziam o corpo se mover involuntariamente, elas criavam sensações que não poderiam ser descritas e, por fim, elas eram causas de mudanças internas e externas no corpo como feridas etc.

Tausk foi um dos mais proeminentes psicanalistas no início da história da psicanálise, discípulo de Freud e muito próximo a este, tendo iniciado uma investigação sobre a esquizofrenia que despertara o interesse de Freud<sup>1</sup>. Contudo, em sua pesquisa sobre a esquizofrenia, como pretendo argumentar, Tausk desenvolve uma teoria acerca da “máquina de influência” em que revela alguns percalços teóricos no nascimento da psicanálise, entre um modelo que ainda excluía a participação de elementos não humanos, como as máquinas, na formação do “inconsciente”, e uma moderna configuração do sujeito, na qual esses elementos não humanos participavam da vida diária (o telefone, o telégrafo, o cinema – todos consequências da industrialização e da modernização da sociedade). O problema deveras complicado, para Tausk, estava em afinar sua teoria sobre a “máquina de influência” em uma teoria psicanalítica da sexualidade que advogava por uma tese do “mecanismo de projeção”<sup>2</sup>. Tal tese da projeção levaria a afirmar as máquinas de influência, que apareciam no relato de pacientes com esquizofrenia, a uma projeção da genitália, reinserindo o problema dentro do quadro teórico das teorias sobre o narcisismo e a identificação. Intrigantemente, Tausk desenvolve seu argumento tentando afastar-se dessa tese, embora ainda se referindo à clássica equivalência entre corpo humano e máquina.

O que me interessa na solução que Tausk dera ao seu problema consiste na instigante analogia do caráter incontrolável do corpo

1 As pesquisas de Tausk sobre a esquizofrenia são referenciadas em alguns textos de Freud, dentre elas, bastante conhecida é o caso da paciente de Tausk que diz ter tido seus olhos invertidos por um ex-pretendente e não reconhece seus olhos mais como seus, caso esse referenciado no texto de Freud sobre o inconsciente (FREUD, 1982 [1915], p. 156-157)

2 Por projeção entende-se a exteriorização de processos internos ou características do indivíduo, como medos, desejos, frustrações, geralmente indesejáveis ou inaceitáveis para o sujeito, projetando-os em outras pessoas. Uma explicação para a gênese da projeção aparece no quarto tomo de “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1982 [1920], p. 239).

sexual orgânico com o caráter automotivo de uma máquina. Neste artigo, persigo o argumento de Tausk a partir do seu exemplo, com o intuito de desnaturalizar tais analogias e, ao mesmo tempo, explicar como a ideia de uma “máquina sexual”, “máquina sexualizada” perpetrou-se como uma forma de reconciliação de uma constelação inteira de processos de hibridização de seres humanos e não humanos ignorados na gênese de uma história da sexualidade que insistiu no aspecto discursivo e humano da materialidade sexual. Para produzir a analogia do sujeito com uma máquina, faz-se imprescindível sua alienação compulsória dentro de regimes de verdade (não sendo à toa essa analogia de certo caráter autômato do corpo sexual casar tão bem com uma perspectiva de sujeito do inconsciente, regulado por pulsões). Meu interesse não é fazer a crítica dessas analogias e apontá-las como uma forma de desumanização do sujeito, defendendo um suposto retorno a uma epistemologia humanística na qual o humano não teria nada em comum com uma máquina, ou defender a superação dessa alienação pela tomada de consciência. Por outro lado, busco entender essa passagem do corpo humano sexualizado à máquina como um fio condutor para problematizar a esquizofrenia como uma fala através do corpo que o leva para conexões além dele.

De acordo com Foucault (1967), a ciência psiquiátrica do século XIX, a qual teve uma influência importante sobre a psicanálise, surgiu como um discurso de verdade somente ao centrar a loucura como uma doença dos nervos, gerando outro espaço conceitual: “aquele do corpo na coerência de seus valores morais e orgânicos” (FOUCAULT, 1967, p. 143, tradução minha)<sup>3</sup>. Ao estabelecer uma causa orgânica para a doença mental, a psiquiatria clássica pareceu libertar o saber das etiologias cosmológicas que antecederam o século XIX, por exemplo, a medicina dos humores. Nesse percurso, o ponto de inflexão alcançado pela psicanálise foi subverter a investigação da “causa orgânica” da doença mental ao propor um método hermenêutico de “falar sobre os sintomas”. Além disso, o modelo psicanalítico advogou por uma “causa sexual”, e essa causalidade do sexual não pode ser reduzida ao domínio do orgânico. Primeiramente, o sexual para Freud não se reduz ao genital, ampliando uma perspectiva da sexualidade para além da procriação. O sexual em Freud se relaciona com a fundação subjetiva do sujeito como sujeito de desejo dentro da diferenciação sexuada do seu corpo em relação, ainda durante a infância, ao pai e à mãe. Nessa perspectiva, o corpo, para Freud, é um corpo desde sempre investido de libido, e a busca de uma satisfação (sexual) recalcada consiste naquilo que pode dar origem ao sintoma. Ao defender a tese de uma etiologia sexual das neuroses, Freud remonta aos primeiros estudos sobre a histeria juntamente com Breuer e o método, através da hipnose, que levava seus pacientes a falarem sobre as vivências traumáticas que estariam por trás do desencadeamento dos sintomas nervosos. Com base nessas vivências, Freud avança na compreensão de um psiquismo inconsciente relacionado à história subjetiva do sujeito. O que se encontrava naquilo que era narrado pelos pacientes como

3 Original: “that of the body, in the coherence of its organic values and its moral values” (FOUCAULT, 1967, p. 143).

eventos traumáticos dizia respeito a impulsos sexuais reprimidos, histórias de sedução e traumas de ordem sexual<sup>4</sup>. Mesmo assim, essa casualidade sexual abriu o espaço discursivo para outras conexões que permaneceram problemáticas com a emergência de novos regimes de verdade (incluindo o psicanalítico). Ao observar as considerações de Tausk sobre a “máquina de influência”, pode-se desenvolver um discurso sobre a esquizofrenia oposto ao enunciado psiquiátrico e ao psicanalítico, recusando o “humano” como o centro sobre o qual se apoiaria a causalidade da doença mental, alienando o sintoma em uma forma não orgânica e não humana: a máquina. Ao apontar essas formas não humanas, sugeriria aqui uma antropologia simétrica, seguindo a teoria do ator-rede, desenvolvida por Bruno Latour (1993), na qual humanos e não humanos são considerados atores na produção do “sexual”, fazendo do “sexual” um domínio pós-humano, o qual já poderia ser averiguado nos princípios do discurso psicanalítico a partir da tese de Tausk sobre a máquina de influência.

### **Máquinas de influência e a invenção da sexualidade**

A pesquisa histórica sobre as práticas e discursos *psi* constitui um vasto campo a ser considerado que pode levar a diferentes perspectivas. Para fins deste artigo, aproximo-me mais de uma consideração simétrica baseada na crítica da modernidade elaborada por Latour (1993, 2005) em que persigo uma definição das práticas científicas como formas de associação. Isso quer dizer que, dentro de tal perspectiva, não se parte de uma metanarrativa que procure diferenciar práticas científicas de não científicas. Pelo contrário, o que interessa é investigar que tipos de associações estão envolvidas quando um objeto emerge como considerável, relevante e necessário para a ciência.

O que significaria, então, falar da esquizofrenia como um fenômeno cultural? Em que medida faz sentido circunscrever um discurso sobre a “doença mental”? Essas duas questões, que levam a uma investigação genealógica da loucura, foram postas por autores como Michel Foucault (1967) e Thomas Szasz (1997). Em ambos os autores, uma perspectiva genealógica leva em conta a patologização de certos estados da vida mental como um processo histórico-social. Ao considerar o surgimento da psicanálise e, com ela, a defesa da “causa sexual” do sintoma histórico, articula-se a história da loucura com a história da sexualidade nas sociedades ocidentais.

Foucault (1999) é o autor que desenvolve essa articulação da história da sexualidade com a história da loucura ao propor os quatro eixos estratégicos que engendrariam o que ele definiu como dispositivo de sexualidade: histericização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de perversão e psiquiatrização do prazer perverso. Foucault compreende, assim, uma genealogia da subjetividade moderna através

4 “Trata-se de uma coisa, sobretudo: com surpreendente regularidade, a pesquisa psicanalítica descobre que os sintomas patológicos dos doentes são ligados a impressões de sua vida amorosa, mostra que os desejos patogênicos são da natureza de componentes instintuais eróticos e nos obriga a supor que devemos atribuir a máxima importância aos distúrbios eróticos, entre as influências que conduzem à doença, e que isso ocorre em ambos os sexos” (FREUD, 2013 [1910], p. 264).

da sexualidade. Nessa genealogia, Foucault encara o tema da repressão sexual, ou hipótese repressiva, como um efeito secundário das formações de poder. De certa astúcia e também lógica, o filósofo esclarece que, antes de reprimir a sexualidade, é preciso que essa sexualidade assuma uma existência, é preciso que haja um *discurso*, uma experiência dessa nova coisa epistêmica, dessa nova materialidade chamada sexualidade. O que aconteceu nos séculos XVIII e XIX, na Europa moderna, para Foucault, foi a inauguração de uma experiência moderna que articulava a verdade de um sobre-si-mesmo à verdade sobre seu próprio sexo: somos sujeitos de uma sexualidade. Essa inauguração instala uma “vontade de saber” sobre a sexualidade nos discursos científicos, nas práticas de controle e disposição/dispersão de corpos, numa rede de saberes e práticas que se abatiam sobre os corpos dos indivíduos.

O fato de o “saber” ter uma relevância no primeiro volume da *História da Sexualidade* de Michel Foucault é fundamental para se entender porque em torno dos saberes do sexo um jogo entre ignorância e conhecimento é arbitrado pelo jogo do poder. Em *A vontade de saber*, deve-se atenção a esse ponto, pois ele toca também aos saberes *psi* dentro desse jogo: formações de saber fazem operar redes de poder. É no enunciar do sexo, da sexualidade, no regular dos encontros entre os corpos a partir do que se materializa como lei, norma ou discurso científico, que feixes de controle dos corpos institucionais e não institucionais aparecem. Nesse trabalho de Foucault, há uma ênfase forte nas formações do discurso. O conceito que Foucault estabelece para a sexualidade nesse livro ainda é *discursivo*, mesmo que, com outras ferramentas conceituais, como a noção de dispositivo, por exemplo, Foucault tente articular o domínio das práticas não discursivas e as redes de poder. Para Foucault, o Ocidente inventou uma “*scientia sexualis*”, e essa ciência se realizara em nada menos que os discursos pedagógicos, psiquiátricos, psicanalíticos e médicos que moldaram o sexo como objeto para um saber.

Em que interessaria essa investigação de Foucault para uma genealogia material da sexualidade que não se resumisse apenas ao plano discursivo? O problema que aponto em Foucault, na sua perspectiva sobre a sexualidade, concentra-se em que a “sexualidade” aparece mais como discurso do que como tecnologia<sup>5</sup>, um aspecto relevante a meu ver, já que Foucault, em outros trabalhos, explorou certa dimensão tecnológica da produção da subjetividade moderna, como em *Vigiar e Punir*, com o modelo do panóptico. A partir daí, desloco o meu olhar para uma crítica daquilo que na genealogia histórica do sexo e da sexualidade aparece centralizado numa certa agenda antropocêntrica a partir da categoria de “discurso”. Com isso introduzo outro autor, Thomas Laqueur (1992), que, assim como Foucault, através da investigação histórica, pesquisou sobre a invenção do sexo dos gregos até Freud,

5 Refiro-me ao primeiro de volume de *História da Sexualidade*, *A vontade de saber*. O aspecto tecnológico não está ignorado, mas ele permanece secundário nessa genealogia da sexualidade em que os discursos sobressaem, mesmo que Foucault tenha proposto o conceito de dispositivo englobando discursos, práticas, instituições. Digno ainda de nota contrastar como nos demais volumes desse trabalho inacabado, quando Foucault se volta aos gregos e aos primeiros séculos da era cristã, quando não é possível falar de um discurso sobre o sexo, o elemento tecnológico aparece em categorias como “técnicas de si” e “tecnologias do eu” (FOUCAULT, 2013).

articulando uma história das relações que se estabelecem entre materialidade corporal, sexo e gênero. Em Laqueur (1992), essa dimensão de fabricar (*making*) o sexo é salientada dentro de uma história do sistema dos dois sexos, inaugurado no século XVIII, em que a materialização do corpo anatômico se relaciona com a produção de instrumentos e discursos para o exame do mesmo, o que dá a Laqueur uma dimensão mais ampla para compreender o sexo e a sexualidade como tecnologias.

Segundo Laqueur (1992), dos gregos até meados do século XVII, preponderou o monismo sexual, de acordo com o qual as formas anatômicas do homem e da mulher representavam a imagem de um único sexo, o masculino. A genitália feminina era considerada uma forma invertida, menos desenvolvida da forma masculina, e isso se dava por comparação, na qual, por exemplo, o clitóris era visto como um rudimento de pênis, e os ovários como testículos internos. Essa tese, de acordo com autor, perdeu por todo esse período, pois de alguma forma servia de justificativa para um conjunto de normas e princípios de diferenciação sociais que reforçavam a superioridade masculina.

Contudo, algo muda a partir do século XVIII, e essa mudança se relaciona com o lugar que a diferença entre homem e mulher assume enquanto diferença sexual. A chave para entender as diferenças anatômicas entre homens e mulheres deixa de ser transcendente, ou seja, deixa de apelar para uma forma ideal que seria a masculina, de acordo com a qual as variações da diferença entre os sexos seriam pensadas, e passa a ser dada pelo domínio bastante concreto das investigações anatômicas e fisiológicas dos dois sexos. Quando se fala de anatomia e fisiologia sexuais, deve-se levar em conta não apenas os exames de exumação de corpos e estudos das funções fisiológicas em laboratórios, mas também o sistema representativo das taxionomias e, principalmente no caso da anatomia, as representações visuais das diferenças entre os dois sexos. Laqueur vai além de um certo construtivismo, pois seu trabalho aponta para uma composição estética do sexo em que o toque concreto dos corpos, sua representação visual a partir do desenho e da pintura na composição dos modernos manuais de anatomia operam como materializadores do sexo:

A estética da diferença anatômica. A anatomia, e a natureza como a conhecemos de modo mais geral, não é obviamente um fato puro, não adulterado pelo pensamento ou pela convenção, mas sim uma construção ricamente complicada, baseada não apenas na observação e em uma variedade de restrições sociais e culturais sobre a prática da ciência, mas também numa estética da representação. Longe de serem as bases para o gênero, os corpos masculino e feminino nos livros de anatomia dos séculos XVIII e XIX são, eles próprios, artefatos cuja produção faz parte da história de sua época (LAQUEUR, 1992, p. 163-164, tradução minha)<sup>6</sup>.

6 No original: "The aesthetics of anatomical difference. Anatomy, and nature as we know it more generally, is obviously not pure fact, unadulterated by thought or convention, but rather a richly complicated construction based not only on observation, and on a variety of social and cultural constraints on the practice of science, but on an aesthetics of representation as well. Far from being the foundations for gender, the male and female bodies in eighteenth- and nineteenth-century anatomy books are themselves artifacts whose production is part of the history of their epoch" (Laqueur, 1992, p. 163-164).

Percebe-se um traço genealógico, no sentido foucaultiano, no trabalho de Laqueur, contudo com pequenas nuances que podem ser salientadas. A primeira delas é que, embora as produções discursivas tenham um efeito no sentido em que produzirão a ideia dos dois sexos, em Laqueur essa passagem não se dá sem tensões entre as formas de ver/observar, narrar e sentir o corpo, algo que é pouco sublinhado nas leituras desse trabalho. Por exemplo, essa tensão aparece na polêmica tese de que se ocupará inclusive Freud sobre a passagem do orgasmo clitoriano ao vaginal (LAQUEUR, 1992), quando anatomicamente o clitóris aparece como possuindo um maior conjunto de enervações, gerando um problema da ordem da demonstração anatômica que abre o hiato entre a observação e a sensação. Da mesma forma, sobre essa lacuna entre o ver e o teorizar se monta a grande máquina óptica do hospital, não sendo à toa que Foucault falará de sua obra *O Nascimento da Clínica* como uma arqueologia do olhar (FOUCAULT, 2008)<sup>7</sup>. Seguindo a mesma lógica, Didi-Huberman (2003) reconstrói a história iconográfica da Salpêtrière de Charcot e demonstra como a invenção da histeria como uma patologia possível de ser nosografada se relaciona com o uso da fotografia, da exibição, de toda uma montagem do espetáculo da dor que serviu à observação médica.

Focando nessa diferença e tensão entre a sensação e a observação, a psicanálise surge como um contraponto aos discursos cientificistas da sua época ao propor, por exemplo, a observação do sintoma histérico que teria uma causa sexual. Ora, essa causa sexual do sintoma, segundo Freud, remete a um corpo de sensação, um corpo inconsciente que emite sinais, os quais o psicanalista deve interpretar. A observação não remete mais a fixar uma causa corporal ao sintoma, mas entender o encadeamento dos investimentos libidinais que materializariam o sintoma histérico no corpo, na medida em que esse corpo de sensação aponta para conexões para além do plano da consciência, o que restringe a interpretação em psicanálise não ao domínio do esclarecimento, mas, sim, ao domínio da *situação*: interpretar é situar o sintoma, suas conexões e deslocamentos. Isso provoca a indagação sobre a materialidade do sexual em outro plano, a materialidade do sexual *como linguagem*.

O problema é que essa linguagem não obedeceria aos princípios lógicos da racionalidade autorreflexiva, sendo necessária a elaboração de todo um arcabouço conceitual e metodológico que desse conta dessas dinâmicas. Esse arcabouço só pode ser possível dentro de um regime em que o sexual se estabeleça como linguagem a partir de um princípio de *indeterminação*. É nessa indeterminação que tanto se monta a fantasia, no caso do neurótico, quanto desaparece a fronteira entre palavra e corpo no sintoma esquizofrênico, o que levava Freud a definir a esquizofrenia como

7 "O rejuvenescimento da percepção médica, a iluminação viva das cores e das coisas sob o olhar dos primeiros clínicos não é, entretanto, um mito; no início do século XIX, os médicos descreveram o que, durante séculos, permanecera abaixo do limiar do visível e do enunciável. Isso não significa que, depois de especular durante muito tempo, eles tenham recomeçado a perceber ou a escutar mais a razão do que a imaginação; mas que a relação entre o visível e o enunciável, necessária a todo saber concreto, mudou de estrutura e fez aparecer sob o olhar e na linguagem o que se encontrava aquém e além do seu domínio" (FOUCAULT, 2008, p. VIII-IX).

uma fala do órgão (FREUD, 1982 [1915]). O que Tausk introduz com a sua tese da máquina de influência é um tipo peculiar de sintoma esquizofrênico que, do ponto de vista da teoria em que se apoia, leva a questionar o que aparece como discurso a partir da tese da projeção e um novo design do sexual no sintoma esquizofrênico:

A evolução pela distorção do aparelho humano em uma máquina é uma projeção que corresponde ao desenvolvimento do processo patológico que converte o ego em um ser sexual difuso ou - expresso na linguagem do período genital - em um genital, uma máquina independente dos objetivos do ego e subordinada a uma vontade estrangeira. Ela não está mais subordinada à vontade do ego, mas o domina (TAUSK, 1992, p. 206, tradução minha)<sup>8</sup>.

Necessita-se de entender o texto de Tausk no contexto da teoria da sexualidade freudiana de sua época, a qual se filiava, mas que, nesse texto, tentou refutar a interpretação freudiana do aparecimento desse tipo de sintoma, qual seja, a de que a máquina de influência seria uma mera projeção da genitália. Tausk torna mais complexa essa argumentação, e o seu texto gira em torno de relatos de seus pacientes. Alguns casos ancoram a perspectiva de Tausk sobre a máquina de influência, não sem afirmar a raridade do aparecimento desse tipo de sintoma. No primeiro caso, Tausk (1992) refere-se a Josef H., um paciente com histórico de passagem em asilos psiquiátricos que relata gerar correntes elétricas que irradiavam para a terra pelas suas pernas. O paciente não saberia atribuir uma razão específica ao aparecimento desse tipo de sintoma, mas creia estar servindo a um fim misterioso, do qual não tinha consciência. Outro caso que fortalece a tese de Tausk relata uma paciente que acusava o seu corpo estar sendo controlado por uma máquina que teria seu uso proibido pela polícia. Tal máquina teria a forma de um corpo humano; no seu caso, a máquina teria a forma de um corpo de mulher, alegando que, no caso de homens controlados pela máquina, tal máquina teria a forma masculina. Essa máquina seria em princípio tridimensional com a parte superior lembrando uma tampa de caixão funerário coberta com seda e veludo. A parte interior da máquina seria composta por baterias elétricas e tudo que acontecia com a máquina viria a acontecer em seguida com o seu corpo, como o caso de uma úlcera nasal que a paciente apresentava e acusava de ter sido produzida primeiramente na máquina. O rosto da máquina seria desconhecido da paciente, o que levava Tausk a pensar na velha tese freudiana do corpo feminino sem rosto como sendo o corpo da mãe. Não somente ela, mas também parentes e pessoas próximas, inclusive o analista, estaria sendo controlado por essa máquina, o que daria o tom persecutório a esse tipo de alucinação.

8 No original: "The evolution by distortion of the human apparatus into a machine is a projection that corresponds to the development of the pathological process which converts the ego into a diffuse sexual being, or - expressed in the language of the genital period - into a genital, a machine independent of the aims of the ego and subordinated to a foreign will. It is no longer subordinated to the will of the ego, but dominates it" (TAUSK, 1992, p. 206).

Seguindo os passos da teoria da sua época, Tausk procurou entender como se dava esse mecanismo de projeção e, sendo guiado pelas referências, principalmente a teoria do narcisismo de Freud, via nesse tipo de relação – de uma máquina que está sendo manuseada por outrem – uma projeção de cunho masturbatório que o guiava para pensar acerca do erotismo e do investimento libidinal de cunho narcísico. Esse fato faz que Tausk busque algo anterior a essa projeção da genitália na máquina, algo que diga respeito à perda das fronteiras do “eu” característica do sintoma esquizofrênico. Essa indiferenciação do “eu” com o mundo exterior é conhecida no narcisismo e remonta ao estado original de indiferenciação do corpo materno com o do bebê (FREUD, 1982 [1914]). No esquema lógico do Édipo, esse narcisismo primário remonta à fantasia original da satisfação primordial. Ora, o “eu” só emerge a partir da diferenciação (sexual) do corpo materno do corpo do bebê e isso se relaciona com a castração e a instituição da falta que funda o sujeito como um sujeito de desejo. O que intriga Tausk é que essa máquina, ainda que seja referida com certa semelhança com algo do humano, afirma-se como um corpo estranho, um estranho familiar se quisermos usar outro conceito freudiano. É nesse estranhamento que Tausk busca outra explicação e remonta a um estado bastante anterior do narcisismo primário. Em que estágio seus próprios órgãos apareceriam como estranhos e dominados por uma força exterior (TAUSK, 1992)? Tausk busca, dessa forma, uma explicação na vida intrauterina para esse tipo de sintoma, pois durante o período fetal o corpo está num estado de indiferenciação; não há uma consciência do pertencimento e compartilhamento dos órgãos entre mãe e feto. Dado esse raciocínio de Tausk, seria o corpo materno essa primeira máquina de influência, e basta que recordemos a sabedoria popular de que o bebê *sente* tudo que a mãe sente. Tausk aprofunda a tese da projeção da genitália para algo muito mais complexo, que diz respeito a alguns problemas na teoria do narcisismo de Freud, a qual não aprofundou esse *insight* sobre a vida intrauterina para falar acerca do narcisismo. Os pensamentos sobre a onipotência dessas máquinas de influência sobre os corpos dos indivíduos caracterizam muito do narcisismo secundário (investimento da libido no próprio eu) presente no sintoma esquizofrênico, com a ressalva de que, para Tausk, esse “eu” aparece agora como estranho, inimigo, máquina, complicando o enredo narcísico da paixão por si mesmo: “O órgão separado – no nosso caso, todo o corpo – aparece como um inimigo externo, como uma máquina usada para afligir o paciente” (TAUSK, 1992, p. 203, tradução minha)<sup>9</sup>.

O ponto que destaco no texto de Tausk, e a partir do qual pretendo argumentar por uma perspectiva mais contemporânea que problematize a materialidade do sexual entre agências humanas e não humanas, consiste em que ainda há, em Tausk, a insistência de uma perspectiva da sexualidade pensada apenas como uma função do sujeito/da subjetividade. Embora toda a riqueza de seus dados o tenha levado a refutar a ideia da mera projeção genital,

9 No original: “The estranged organ – in our case, the entire body – appears as an outer enemy, as a machine used to afflict the patient” (TAUSK, 1992, p. 203).

Tausk busca explicar pelo narcisismo o estranhamento e a onipotência das máquinas de influência sobre os corpos dos indivíduos, o que faz seu argumento permanecer ainda guiado pela lógica do “eu” (na psicanálise esse “eu” não é o centro, mas efeito de dinâmicas inconscientes em que a sexualidade está dada), embora “isso” aponte para estranhamentos e outras conexões possíveis.

Até certo ponto, o desconhecimento sobre o modo de funcionar das máquinas é característica da vida moderna e de uma sociedade que passa a ser cada vez mais tecnológica. Tausk não busca na cartografia da sociedade da sua época uma explicação para esses sintomas de influência, e sua teoria, ao criar alguns problemas para a tese do narcisismo, abre o questionamento sobre a formação de um “eu” em relação com a materialização dos próprios objetos, não como objetos de desejo, mas como agenciamentos do próprio eu: eu é um outro, eu-máquina.

Nesse sentido, há uma relação de coextensão entre sensação e materialização dos corpos. Não seria a nossa sexualidade desde já efeito agencial entre sujeitos e objetos? Uma sexualidade com as coisas? Não seria o inconsciente esse lugar de indeterminação no qual “eu” e os outros humanos e não humanos entramos em relações *intra-ativas* (BARAD, 2003) mais que interativas (quer dizer, de instâncias diferenciadas)? Retomando o início deste tópico, não haveria sido o desenho, o traço, a reduplicação dos corpos nos manuais de anatomia de que fala Laqueur, essa estética da diferença sexual, também uma máquina de influência que nos levou a outros hiatos entre a sensação que temos dos nossos corpos e o que nos *faz aparecer* a materialidade representada deles? E as arquiteturas de vigilância e controle, das quais fala Foucault, até que ponto também se constituem como máquinas de influência de uma sexualidade mais-que-humana e, por isso, mais que linguagem?

### Performatividade e pós-humanidade

Gostaria de introduzir neste tópico uma autora contemporânea que será crucial para pensar a sexualidade em uma esfera mais-que-humana, ou além dos registros do discursivo e da linguagem. Creio que o problema que limitava a descoberta de Tausk era a insistência de uma teoria da sexualidade ainda apoiada numa perspectiva do sujeito (do inconsciente, mas ainda sujeito), embora a noção de sujeito da psicanálise tenha operado uma reviravolta no campo da subjetividade, ao definir esse sujeito como sujeito do inconsciente, um sujeito não todo, sujeito de desejo e pensamento através das pulsões. Tausk reterritorializa, assim, como homem da sua época, a questão da relação corpo humano-máquina numa teoria que ainda seria uma teoria do sujeito, mesmo que o exame histórico que intento tornar possível neste artigo possa levar a vê-lo como alguém que tateou, na sua investigação sobre a esquizofrenia, um inconsciente mais-que-humano.

A crítica a certa centralidade do “humano” nas definições de gênero e sexualidade encontra um lugar nos atuais estudos de gênero e sexualidade em autorxs como Haraway (1991) e Preciado (2008), por exemplo. Haraway (1991) inaugura a perspectiva

cyborg dentro dos estudos de gênero ao defender uma utopia pós-gênero de corpos híbridos de natureza e artefato. Preciado (2002, 2008) argumenta por um aspecto prostético do gênero em que o erotismo é dado a partir do artifício, havendo uma natureza do artificial articulada a uma artificialidade do natural, na qual seu exemplo/paradigma é dado a partir do dildo quando se pergunta, dentro de uma sexualidade de insistência fálica, se seria o dildo um pênis de plástico ou na verdade o pênis seria um dildo de carne (PRECIADO, 2002). Em *Testo Yonqui*, Preciado avança nessa tese e defende a ideia de que seríamos todos *techno-bio-drag*, definindo o gênero como tecnossomático e semiótico: signos, hormônios, tecnologias materializam os gêneros como agenciamentos.

Deixo a discussão sobre o dildo, introduzida por Preciado, um pouco de lado por ora, embora ciente da crítica de Preciado ao modelo edípico e falocêntrico da sexualidade, ao insistir em algo que é da ordem da forma, por mais prostética que seja. Pretendo abordar esse problema de outro lugar, de uma perspectiva também pós-humanista e performativa sobre a sexualidade. É assim que chego a Karen Barad (2003) e sua perspectiva de uma performatividade pós-humanista. O ponto de partida da teoria de Karen Barad, que, além de pensadora feminista, é física e está muito bem situada dentro dos estudos sobre a ciência, baseia-se em uma leitura acerca do conceito de performatividade que o reduz ao seu modelo linguístico. Sabe-se que na base desse conceito está o pensamento de Austin (1962) que entendia o ato performativo como ação a partir da iteração. O que interessava a Austin era a potência de ação das palavras mais que o seu significado. Essa pragmática do performativo desenvolvida por Austin fundamentará o conceito de performatividade de gênero em Butler (1990), este entendido como iteração e reiteração das gramáticas normativas de gênero. Dizer que o gênero é performativo, como Butler o fez, é dizer que materializamos o gênero quando nossos atos corporais reafirmam a norma nas formas de dizer, sentir, perceber. Quando Butler assim o definiu, uma das críticas que sua teoria sofreu seria a de redução ao construtivismo linguístico de que as palavras criavam os gêneros, ignorando a dimensão da materialidade corporal na definição de gênero. Rebatendo essas críticas, Butler (1993) escreve um segundo livro, *Bodies that matter*, afirmando que o performativo de gênero não pode ser reduzido nem à intencionalidade de um sujeito que “escolheria” o gênero, nem a ignorar a dimensão do corpo e da matéria que insistem no discurso, mas que isso não significa defender uma realidade pré-discursiva ou anterior à linguagem. No primeiro capítulo desse livro, numa análise filosófica e bastante complexa acerca do conceito de matéria (aqui ressalto o jogo da palavra em inglês “matter” que pode ao mesmo tempo se referir tanto à matéria quando aquilo que importa, que tem peso, e ainda ao “tema”), Butler (1993) salienta inclusive que a ideia de uma materialidade pré-discursiva, de um corpo anterior à linguagem, já traz implícita uma lógica binária reiterando polaridades como natureza/cultura, masculino/feminino, polaridades arbitrárias que por fim terminam cumprindo a função de naturalizar o binarismo da diferença sexual e sua lógica.

Barad radicaliza essa perspectiva por entender o performativo como uma contestação de um poder excessivo garantido à

linguagem na definição do que seria real (BARAD, 2003). Matéria e linguagem não estão nem em uma relação de absoluta exterioridade, nem em uma relação de sobredeterminação. Representacionalismo seria a crença de que só se tem acesso às coisas pela via da representação. Para Barad, esse modelo epistêmico é histórico e enraizou-se de uma forma profunda na cultura ocidental ao ponto de ter se tornado um pressuposto comum quando se problematiza as relações entre palavras e coisas. Além disso, o representacionalismo faz insistir uma agência centrada no humano, a qual a autora refuta a partir também de seus diálogos com os pensamentos de Bruno Latour, Donna Haraway e Ian Hacking. Barad se interessa pelas práticas materiais-discursivas que geram corpos humanos e não humanos. Tais corpos não estão em relação de extrema exterioridade, assim como não estão matéria e linguagem. Individualidade se apresenta como primeira noção a ser contestada por vir da influência de um atomismo que afirma a existência de uma unidade indivisível e identificável. Sendo assim, Barad (2003, p. 814) recorre à física quântica de Bohr no intuito de demonstrar que essa individualidade só pode ser afirmada a partir de “agências de observação” que envolvem a participação de aparelhos de observação para que se defina essa unidade distinta e afirme a separabilidade entre sujeito e objeto. Ora, mas se essa separabilidade não pode ser afirmada como anterior ao fenômeno que as faz existir, logo seria uma espécie de intra-ação entre esses elementos que constitui objetos e sujeitos como individualidades distintas dentro do fenômeno (BARAD, 2003).

Ao trazer a teoria física de Bohr para o campo da performatividade, Barad argumenta por uma *intra-atividade* entre as noções de materialidade e discursividade. Discurso e matéria não podem ser pensados fora de uma configuração em que aparecem como termos distintos. A ausência dessa exterioridade absoluta entre matéria e discurso impossibilita estabelecermos uma noção de causalidade totalmente centrada no humano a um dado fenômeno, pois será sempre uma relação de constante imanência, de tornar-se, de uma abertura que caracteriza o que se pode conhecer, e nessas relações somos nós já uma reconfiguração do mundo.

Dentro dessa perspectiva torna-se impossível pensar as relações entre corpo e máquina como relações de projeção ou de ordem narcísica. Assim, volta-se ao problema de Tausk no que a psicanálise ainda parece dificultar uma compreensão da sexualidade intra-ativa de humanos e não humanos, que diz de outros códigos de agência que não sejam apenas aqueles da neurose, reterritorializados no simbólico e rebatidos como duplo na lógica da lei e da castração: o cavalo é o pai, a mulher sem cabeça é a mãe, a máquina de controle é a genitália. Esse corte de agência na psicanálise é o que a amarra, por mais irônico que possa parecer, às armadilhas do humanismo do qual ela sempre quis se dizer tão crítica. O que aponto aqui se assemelha com muitas das críticas levantadas por Deleuze e Guattari em *Anti-Édipo* (1976), naquilo em que os pensadores franceses apontavam como uma redução das cartografias do desejo à novela familiar do Édipo. Ainda que tais autores defendam também o que chamam de uma montagem do desejo como máquina, constituindo máquinas desejantes,

pouco se problematizou, do ponto de vista de uma problematização mais contemporânea que se possa estabelecer, a dimensão de agência de tais máquinas.

Antes de pensar em um ego dissolvido, característico do sintoma esquizofrênico, seria necessário perguntar como sujeito e máquina de influência emergem em um campo de *intra-ações*, o que o próprio sintoma já aponta pelas linhas de indistinções entre aspectos do corpo humano e aspectos da máquina, como fazer ver, ouvir, etc. Tausk resolve ao final do seu artigo o tema da máquina de influência como sintoma de um ego difuso, sem fronteiras, relacionado com um estado narcísico anterior, que se torna um ser sexual difuso (*diffuse sexual being*) controlado por uma força estranha, a qual a máquina viria ocupar essa função (TAUSK, 1992). A partir daí a forma humana não deveria ter sido posta como uma forma anterior, a qual serviria de base para explicar a máquina, como na tese da genitália, mas pensar nessa irradiação, dessa sensação “wireless” (e estamos falando de uma época em que esse tipo de tecnologia não fazia parte do cotidiano) da máquina ao corpo. Que tipo de sensação é essa que vai materializando uma sexualidade difusa que não se reterritorializa na forma do ego, o ponto principal sobre o qual se fundamenta a definição desse sintoma como um sintoma eminentemente esquizofrênico? Nesse ponto, uma perspectiva pós-humanista da performatividade ajuda a reconceituar e pensar as diferentes materialidades sexuais que emergem no nosso contemporâneo.

### Considerações finais: novos materialismos e sexualidades

Este texto partiu de algo que ainda hoje permanece como instigante na leitura do artigo de Tausk sobre a relação entre corpos e máquinas, e até que ponto a imaginação de máquinas que poderiam controlar os nossos corpos, inclusive nossas sensações mais íntimas, permanece como um tema de debate até hoje. Neste ensaio, a ideia era problematizar essa imaginação que fomenta perspectivas contemporâneas sobre corpo, agência e matéria em um texto clássico, no caso, na história da psicanálise. Ao desenvolver a tese da máquina de influência a partir do relato dos seus pacientes, ficou explanado como Tausk esbarrou em dois problemas da sua época, a saber, uma perspectiva da sexualidade a partir do inconsciente pela psicanálise, mas que tinha como matriz para a compreensão do sintoma o elemento sexual, o que levava a uma sexualização da máquina (no caso da tese da projeção da genitália) e, segundo, a tentativa de se afastar dessa redução, mas sem sair da psicanálise, o que levava a uma série de arranjos da sua tese para pensar esse tipo de sintoma dentro da teoria do narcisismo, ou seja, dentro ainda de uma explicação psicanalítica da causa sexual, mas entendendo como patológica uma dissolução do ego que levaria ao delírio da máquina como esse ente estranho ao qual o corpo estaria submetido.

Entre corpos sexualizados e máquinas, o trabalho de Tausk inspira, além disso, a recuperar as histórias entrelaçadas da loucura, da sexualidade e do sexo, o que fez com que os trabalhos de Michel Foucault e Thomas Laqueur, principalmente, encontrassem

um eco neste ensaio. Sobre este ponto, reside outro problema, para o qual gostaria que este artigo persistisse na forma de fomento a futuras pesquisas. Primeiramente, na obra de Foucault, tanto a loucura quanto a sexualidade são problematizadas como “discurso”, mesmo que haja diferença entre os dois trabalhos – como se sabe, a *História da Loucura* pertence à fase arqueológica do filósofo francês, em que a questão do saber é central e noções como “genealogia” e “formações de poder” ainda não estão presentes. A *História da Sexualidade* – Vol. 1, *A vontade de saber*, publicada anos depois, já é um livro da fase genealógica do autor, ou seja, o tema das relações de poder aparece como já bem circunscrito e central para entender a emergência de uma *scientia sexualis*. Contudo, é ainda recorrendo à invenção dos discursos sobre o sexo e a sexualidade (morais, psiquiátricos, psicanalíticos) que Foucault traça essa cartografia das relações de poder, ou seja, ainda há certa centralidade do *discursivo*. Ressalto essa centralidade de uma perspectiva discursiva sobre o sexo e a sexualidade, pois justamente sobre este ponto o tema da materialidade emerge como um enclave.

Por muito tempo o trabalho de Laqueur foi lido bastante balizado no que uma perspectiva foucaultiana influenciou sua história da fabricação do sexo. Neste artigo, tentei deixar também outra pista, que levasse a ler o trabalho de Laqueur na sua diferença com o trabalho de Foucault. Na história do sexo de Laqueur, a dimensão da materialidade dessa fabricação é realçada: o ver, o tocar, o observar, o desenhar, o testar. Essa materialidade entra numa relação de pouca coesão com os discursos concorrentes que fazem a passagem do monismo sexual ao sistema dos dois sexos. Dito isso, há uma abertura de pesquisas para uma genealogia da materialidade sexual, o que Foucault deixa de lado, inclusive ao referir-se ao sexo, no final de *A vontade de saber*, como um elemento imaginário. Essa história material, ou essa problematização das materialidades, pode ser a base de uma boa pesquisa crítica do construtivismo discursivo.

Materializações do sexual para além da forma humana apareceram no sintoma esquizofrênico da máquina de influência investigado por Tausk e com ela busquei ancorar a teoria de Karen Barad acerca de uma performatividade pós-humanista. Com tal proposta, Barad redimensiona o tema da performatividade, tal como aparece em Butler, por exemplo, a partir do tema da materialidade, não a reduzindo mais ao plano do “discursivo”, mas pensando de uma maneira inovadora e incorporando já as críticas que o conceito de performatividade trouxe a uma suposta anterioridade da matéria ao discurso. Com isso, este artigo buscou revisitar nos primórdios da psicanálise os impasses do discursivo e do material na produção da sexualidade.

## Referências

- BELLOUR, Raymond. **Entre-imagens** – foto, cinema, vídeo. Campinas: Papirus, 1997.
- AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Londres: Oxford University Press, 1962.
- BARAD, Karen. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, Spring 2003, pp. 801-831.

- BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Nova York & Londres: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. Nova York & Londres: Routledge, 1993.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invention of Hysteria: Charcot and the photographic iconography of the Salpêtrière**. Cambridge (Massachusetts) & Londres: The MIT Press, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Madness and Civilization**. Londres: Tavistock, 1967.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, volume 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, volume 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2013.
- FREUD, Sigmund. Das Unbewusste. In: **Studienausgabe Band III Psychologie des Unbewußten**. Frankfurt: S. Fischer, 1982 [1915].
- FREUD, Sigmund. Jenseits des Lustprinzips. In: **Studienausgabe Band III Psychologie des Unbewußten**. Frankfurt: S. Fischer, 1982 [1920].
- FREUD, Sigmund. Zur Einführung des Narzißmus. In: **Studienausgabe Band III Psychologie des Unbewußten**. Frankfurt: S. Fischer, 1982 [1914].
- FREUD, Sigmund. Cinco Lições de Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Sigmund Freud Obras Completas Volume 9**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 [1910].
- HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs, and Women**. The Reinvention of Nature. Nova York: Routledge, 1991.
- LAQUEUR, Thomas. **Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud**. Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, 1992.
- LATOUR, Bruno. **We have never been modern**. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1993.
- LATOUR, Bruno. **Reassembling the social**. Nova York: Oxford University Press, 2005.
- PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contra-sexual**. Madri: Opera Prima, 2002.
- PRECIADO, Paul B. **Testo Yonqui**. Madri: Espasa, 2008.
- SZASZ, Thomas. **The Manufacture of Madness**. Syracuse (Nova York): Syracuse University Press, 1997.
- TAUSK, Victor. On the Origin of the "Influencing Machine" in Schizophrenia. **Journal of Psychotherapy Practice and Research**, v. 1, n. 2, Spring 1992, pp 185-206.